



Maria Sylvia Nunes

“... o ideal que a Universidade busca alcançar: a reunião entre conhecimento e poesia, da qual resulta o Humanismo, que contribui para a excelência dos homens e da sociedade”

(NUNES, M.S. *Universidade e Shakespeare*, 2007)

Maria Sylvia Ferreira da Silva Nunes, nasceu em Belém, em 7 de janeiro de 1930, bacharelou-se em Direito pela antiga Faculdade de Direito do Pará, professora de teatro, foi diretora do grupo Norte Teatro Escola do Pará (NTEP) e uma das responsáveis pela criação da Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará (hoje Escola de Teatro e Dança), tendo sido ali, professora de História do Teatro, História do Espetáculo e Teoria do Teatro, e sua primeira diretora.

Seu pai, Cursino Loureiro da Silva Silva – bacharel em Direito, promotor público, juiz substituto e depois juiz de 1.^a e 2.^a entrâncias, após a Revolução de 30 foi transferido para Belém e nomeado Desembargador no Tribunal de Justiça do Estado – cedo ingressou na imprensa de Belém, onde trabalhou na reportagem e redação da *Folha do Norte*. Em sua volta a Belém desenvolve atividade literária publicando livros e sendo eleito para a Academia Paraense de Letras. Sua mãe, Raimunda Ferreira da Silva, professora do então Colégio Progresso Paraense, foi quem alfabetizou e incentivou desde cedo a filha Maria Sylvia às leituras e ao aprendizado de línguas estrangeiras.

O convívio familiar de Maria Sylvia deu-lhe, desde cedo, intimidade com a literatura e o teatro. Angelita, irmã mais velha de Maria Sylvia, era ligada às atividades do grupo Os Novos, fundado em meados dos anos 50 e que se desfez em 1957, liderado por Margarida Schivasappa¹. Foi na residência da família Ferreira da Silva, à Avenida Nazaré, que o Teatro do Estudante do Pará (TEP), que teve atuação entre 1941-1951, instalou, em sua segunda fase, sua sede provisória, apesar de que Maria Sylvia e suas irmãs Angelita, Célia e Celina, nunca tenham entrado em cena, mas participavam intensamente na discussão e montagem das peças, opinando sobre figurino, cenário e mesmo sobre a escolha das peças que Angelita e Maria Sylvia traduziam para o grupo (MELO, G., 1968 apud BEZERRA, 2016, p. 530).

Em entrevista ao professor Denis Bezerra, diz Maria Sylvia:

Havia uma coisa boa também no tempo que eu estudei, é que a gente começava a aprender francês com 11 anos de idade. Então se tu me perguntares qual foi o primeiro livro que eu li em francês eu nem sei, porque li, assim, aos 11 anos de idade. Isso era bom, porque livros que não tinham sido traduzidos e que tinham na biblioteca do papai, em francês, eu lia. Dostoiévski, alguns eu li em francês. Então, isso era uma coisa boa da gente começar línguas cedo, com 12 anos a gente começava o inglês e com 11 o francês (NUNES, M.S., 2008 apud BEZERRA, 2016, p. 282).

¹ Margarida Schivasappa (1895-1968). Professora de canto orfeônico, formada pelo Conservatório Carlos Gomes, na década de 1930 em Belém, foi aluna de Villa-Lobos, no Rio de Janeiro. Destacou-se como importante figura para o teatro paraense entre as décadas de 40 e 50 do século XX, liderando o Teatro do Estudante do Pará e o grupo Os Novos.

Em 1952 Maria Sylvia casou-se com Benedito José Vianna da Costa Nunes², o professor Benedito Nunes, de quem tinha sido colega desde os tempos de Colégio Moderno, prosseguindo juntos seus estudos na Faculdade de Direito, entre os anos de 1949 e 1952. Em 1954 passaram a morar na Travessa da Estrella, em casa que acabara de ser construída por Angelita, recém-formada pela Faculdade de Engenharia do Pará. Até seu falecimento, em 1996, os três conviveram harmoniosamente, reunindo com frequência os amigos para rodadas animadas de conversas sobre literatura, música, teatro e cinema (Sanjad, N. e Sanjad, A., 2016, p. 349).

E é nessa casa que Maria Sylvia, Benedito e Angelita – que nessa época era responsável pela página de Teatro da revista *Norte* e ali desenvolvia crítica literária – vão ter a ideia de criar em Belém um grupo que desse continuidade às atividades teatrais já existentes na cidade e que, por essa altura, passava por certo declínio. É assim que surge o Norte Teatro Escola do Pará, que desde seu início se diferenciou dos outros grupos de teatro existentes à época por sua preocupação de não encenar por encenar, mas de desenvolver a leitura, estudo e discussão das obras literárias, dos textos clássicos aos modernos, da literatura nacional e internacional.

Maria Sylvia conta ao professor Denis Bezerra como se deu a criação do Norte Teatro Escola:

O Teatro de Estudante durou, dessa maneira, até quando eu já estava na faculdade, e me lembro quando eu estava na faculdade, olha a audácia, eu traduzi uma peça de Bernard Shaw, eu tinha o que, 17, 18 anos, sei lá. Eu traduzi uma peça do Bernard Shaw para o Teatro do Estudante representar [...] Aí nós começamos a nos reunir em casa, a gente começou a ler poesia. De repente, aconteceu um festival de teatro, e a professora Margarida Schivasappa, que era muito amiga da minha irmã [Angelita], pediu para ela dar um palpite, que peça podia fazer. Minha irmã disse que tinha assistido no Instituto Brasil Estados Unidos os alunos representarem uma peça do Yeats, que ela gostou muito, mas eles representaram em inglês, pois fazia parte do curso. Então, minha irmã falou para ela: – Olha, essa peça era perfeita. Poucos atores. Dava para gente fazer, não era muito dispendiosa. Minha irmã traduziu a peça, eles fizeram essa peça no Rio de Janeiro, foi um sucesso. O pessoal voltou animado de lá. E aí ela: – Vamos fazer um grupo de teatro? Nesse momento, eu já era casada. Então, fomos fazer esse grupo de teatro (NUNES, M.S., 2008 apud BEZERRA, 2016, p. 290).

Referindo-se à forma como foi concebido o Norte Teatro Escola, diz Maria Sylvia:

Aí eu disse, – a gente estuda direitinho. Nós começamos a nos reunir, aos sábados de tarde. [...] Era uma aula assim: – Olha, eu li isso e isso. Aí quem queria dava palpite também. – Pois eu li isso. Era assim muito aberto. [...] Então, resolvi. –

² Benedito José Viana da Costa Nunes nasceu em Belém em 21 de novembro de 1929. Professor, filósofo crítico literário, foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará, depois incorporada à Universidade Federal do Pará. Ensinou filosofia e literatura em outras universidades do Brasil, da França e dos Estados Unidos. Escreveu artigos e ensaios para diversos jornais e publicações nacionais e internacionais. Aposentou-se como professor titular de Filosofia na UFPA, tendo recebido o título de Professor Emérito em 1998. No mesmo ano, foi um dos ganhadores do Prêmio Multicultural Estadão. Recebeu duas vezes o Prêmio Jabuti de Literatura, em 1987, pelo estudo da obra de Martin Heidegger que culminou em *Passagem para o poético*, e em 2010, pela crítica literária *A clave do poético*. Também em 2010 foi agraciado com Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra. Faleceu em 2011.

Olha, vamos fazer leitura de poemas? A gente lia muito poema aqui em casa. – Vamos fazer uma leitura de poemas, mas assim, com uma estante, como se fosse recital de música, uma estante, você vai lendo. Aí fizemos com Carlos Miranda, que é uma pessoa importantíssima nesse processo todo. Aí começou, fomos primeiro com Carlos Miranda, foi um sucesso, todo mundo pediu um segundo. Fizemos um segundo [...] Aí deu coragem, fomos fazer uma peça, um auto de Ghelderodes. Fizemos uma peça só de homens, que era *Os Cegos*, você conhece essa peça? De um ato, uma peça boa para teatro de escola. Era só homem. Fizemos, e eu que dirigi, porque não tinha quem. Dirigi assim, doidamente. Mas todo mundo gostou, achou que eu levava jeito, os meninos também gostaram. Aí, nós fizemos outra coisa, ficou aquela animação. As moças começaram a aparecer, as que estavam arredias, começaram a aparecer (NUNES, M.S., 2008 apud BEZERRA, 2016, p. 316).

E continua Maria Sylvia:

Fizemos o Norte Teatro Escola. O pessoal daqui de casa [os amigos] que queria aprender entrou. Foi daí que surgiu o Norte Teatro Escola. Primeiro, nós passamos um tempo estudando teatro, nós nos reuníamos aos sábados. Geralmente eu que falava, contava da Grécia, que eu sempre gostei muito de estudar. Então, eu estudava essas coisas, eu lia muito! Tinha a vantagem de poder ler. Então, a gente lia... Eu passava para o pessoal, não era tipo aula, era de contar... [...] Então, resolvemos fazer nossa primeira apresentação pública, foi um recital de poesia em que a gente pegou desde Akenathon, Renascimento, até os modernistas. Todo mundo gostou muito. Fizemos um segundo recital de poesia (NUNES, M.S., 2008 apud BEZERRA, 2016, p. 300).

Por esse depoimento de Maria Sylvia percebe-se que o grupo animava-se com o desejo de aprofundar seus estudos sobre teatro por meio da leitura dos textos literários e teatrais e pela vontade de conhecer, mas, principalmente, de discutir arte em geral.

Mesmo que ainda não tivessem plena consciência do que estavam criando, a percepção da necessidade de se ter em Belém uma escola de teatro já estava presente na denominação que escolheram, Norte Teatro Escola do Pará. A linha de pensamento do grupo, pelo menos de Maria Sylvia, Benedito e Angelita, já estava enunciado no nome que adotaram, “teatro escola”, e também na prática que desenvolveram: a prática da leitura e do debate, de discussões sobre as teorias presentes no campo do teatro e da literatura, os diversos problemas da encenação, o papel do diretor, a iluminação, a cenografia e o figurino, a construção de um espaço para a formação do ator.

Continuando o relato para o professor Denis Bezerra, diz Maria Sylvia:

Aí resolvemos montar peças curtas, porque tínhamos a consciência, mesmo, que não sabíamos representar, mas se tinha bom gosto para escolher os textos, e tínhamos o amor pelos textos. A gente não estava a fim de se mostrar. Uma coisa é você estar a serviço do autor, uma coisa é você estar a serviço do seu ego. Tem uma diferença brutal aí. Então, a gente estava na primeira categoria, a gente queria compartilhar com os outros a beleza do texto. Era só isso que a gente queria. Então nós fizemos o Ghelderodes, um autor belga, que naquele tempo estava em grande alta. Nós fizemos uma peça curta dele chamada *Os Cegos*, e foi um sucesso. Os amigos da gente gostaram, então a gente ficou animado de fazer mais e aí

começamos a fazer sempre peças de um ato, fizemos Tchekhov, fizemos um monte de coisa com um ato (NUNES, M.S., 2008 apud BEZERRA, 2016, p. 300-301).

Após esse primeiro momento de leituras e apresentações de “peças curtas” o grupo do Norte Teatro Escola começou a ler e estudar a obra do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida Severina*, que tinha sido escrita para o grupo Tablado³, de Maria Clara Machado, mas que não chegou a ser encenada por esse grupo.

Criada em 1955, a obra *Morte e vida Severina* foi escrita como Auto de Natal, estruturado na forma de poema. Esse gênero dramático, muito presente nas formas do teatro popular, primava por representações alegóricas, daí Maria Clara Machado avaliar que o texto não se prestava para o seu grupo de teatro.

Nesse momento, começamos a ler *Morte e vida Severina*, e ficamos empolgadíssimos. A gente amou de paixão, todo mundo ficou empolgado. Começamos a pensar que poderíamos, talvez, fazer representar. Aí Maria Clara Machado (eu ia passar sempre as férias no Rio e tal) e conheci Maria Clara Machado, ela disse: – olha, ele fez para mim, para o Tablado, e eu achei que não dava para fazer. Eu fiquei caladinha. Cheguei aqui, comecei a pensar como poderia fazer e de repente vi que estava tudo lá, não faltava grande coisa. E aí nós ficamos trabalhando, trabalhamos muito tempo nessa peça, sabíamos de cor e salteado, de trás para frente, de frente para trás porque era um prazer a gente trabalhar com esse texto (NUNES, M.S., 2008 apud BEZERRA, 2016, p. 303).

A consciência de que deviam fazer teatro, apesar da consciência que tinham de que “a gente não sabia representar” mudou com a participação do Norte Teatro Escola do Pará nos festivais de teatro nacionais, a partir de 1958, quando passou a ganhar prêmios nacionais e a gozar de prestígio nacional e reconhecimento em Belém. E o trabalho que deu relevo ao grupo foi a participação no I Festival de Teatro de Estudante do Brasil, realizado em Recife, com a montagem de *Morte e vida Severina*, até então inédita nos palcos.

Quando começaram a ensaiar a peça, Paschoal Carlos Magno⁴, fundador do Teatro do Estudante do Brasil, visitou Belém para divulgar a realização do festival de teatro que estava organizando e que ocorreria em Recife. Em visita à casa de Maria Sylvia foi assistir ao ensaio da peça e, entusiasmado, convidou o grupo para participar do I Festival Nacional de Teatro de Estudantes.

[...] Ele tinha conseguido o apoio das pessoas do Recife e ia fazer lá um Festival Nacional de Teatro de Estudantes. Veio assistir um ensaio que a gente ensaiava

³ O Teatro Tablado foi fundado como uma companhia amadora, em 1951 e tornou-se o principal centro difusor da dramaturgia de Maria Clara Machado e uma escola de teatro voltada para o aspecto artesanal da profissão. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural: Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_teatro/comum/verbete_imp.cfm?cd_verbete=639&imp=N&espetaculo_tipo=1>.

⁴ Paschoal Carlos Magno foi poeta, teatrólogo, político e diplomata. Foi um importante incentivador e renovador das artes cênicas no Brasil, no século XX e fundou o movimento do teatro amador no Rio de Janeiro, em 1938, que se espalhou pelo país inteiro.

aqui em casa: – Ah, mas está ótimo! Vou convidar vocês para ir para o festival. (NUNES, M.S., 2008 apud BEZERRA, 2016, p. 304).

[...] Aí escrevi para João Cabral, pedindo autorização. Escrevi uma carta longuíssima, que eu contava cada cena para ele, como a gente ia fazer, cena por cena. Aí já metemos o Waldemar Henrique para fazer a música, fomos, assim, chamando os amigos, aquela coisa toda, e afinal fomos até lá fazer. Foi um sucesso. A gente ganhou o primeiro prêmio de peça brasileira, o primeiro prêmio de música de cena, o primeiro prêmio de ator, foi Carlos Miranda que ganhou, só não ganhamos de direção porque o Antônio Abujamra estava concorrendo, aí é covardia (risos). E ele já estava até com uma bolsa de estudo para ir para a Itália. Nós pegamos todos esses prêmios. Ficamos animadíssimos, voltamos com o ego lá pelos altos (NUNES, M.S., 2012 apud BEZERRA, 2016, p. 317).



Foto 1 - Reunião do grupo Norte Teatro Escola com Waldemar Henrique. Casa da Estrella (Acervo Maria Sylvia)

Trechos da Carta de Maria Sylvia a João Cabral de Melo Neto:

O nosso grupo é novo. Sua peça é a quarta que encenamos. Nasceu-nos a vontade de representá-la quando fazíamos um programa de leitura de poesias. (Segue incluso). Já vi, na certa, um espetáculo desse tipo. O intérprete, de pé, diante de uma estante de música, onde está aberto o texto, lê o poema, sem gesticulação, procurando unicamente servir o poema, para revelá-lo à plateia, valorizando as palavras com toda a sua carga de expressão e de significação. Depois de termos ouvido o trecho de *Morte e vida Severina* incluído no programa de nosso primeiro recital de leitura – Irmãos das almas – ficou verrumando a ideia de representar o auto, que lemos, releemos, vivemos e amamos. [...] (NUNES, M.S., 1958 apud BEZERRA, 2016, p. 327-328).

Duas ideias básicas nos conduziram: o caráter cíclico do poema (morte e vida) e a fusão poética do erudito com o popular (a linguagem poética altamente elaborada na transparência de seus elementos originários, folclóricos e regionais). Essas duas ideias orientaram a nossa interpretação do texto, feita de acordo com o seguinte princípio: obedecer a dois estilos de representação, o primeiro, grave, pesado, com o fim de obter-se um ritmo de monotonia funcional (a viagem do retirante, secura da paisagem, morte, hostilidade do meio, natural e social) acentuando, ao máximo, a tragédia do homem que retira e o segundo estilo alegórico, como pastorinha (nome local que se dá aos dramas natalinos), aproveitando desta o conteúdo popular: gestos estereotipados, exuberantes ênfase, entusiasmo, alegria ingênua, etc. Para conseguirmos a gravidade do primeiro estilo usamos todos os recursos disponíveis: falas em coro (irmãos das almas e enterro do trabalhador do eito), luz (baixa ou direta spot light incidindo em Severino nos monólogos), cenarização sugestiva, como mais adiante descreveremos em detalhe. Quanto ao segundo só foi preciso conseguir movimentação contínua em cena, desde a anunciação até à disputa dos elogios, pondo gente e coisas no palco (os vizinhos, os presentes colocados no chão, etc.) e música de fundo. [...]

Nossa preocupação constante foi manter a unidade do poema, eliminar a declamação sem destruição do verso (o mais difícil por causa da medida rítmica) mesmo quando a linguagem deve ser coloquial (conversa entre os dois coveiros no Recife). O problema era segurar o poema pelos fios dramáticos que ele naturalmente possui – como auto – e, guiando-nos por essas linhas, jogá-lo no palco, para que atuasse com toda a força dramática que a sua estrutura garante (NUNES, M.S., 1958 apud BEZERRA, 2016, p. 333 e 334).

No festival de Recife, em que participaram 11 estados brasileiros, alguns, como é o caso de São Paulo e Rio de Janeiro, com vários grupos, o Norte Teatro Escola do Pará levou o prêmio de melhor intérprete masculino, Carlos Miranda⁵; o melhor do conjunto Norte, com a peça de João Cabral de Melo Neto, *Vida e morte de Severina* [sic]; o melhor espetáculo do Norte (*Revista de Teatro da SBAT*, n. 304, 1958, p. 25, apud BEZERRA, 2016, p. 338-339).

O professor Denis Bezerra afirma que:

O fato importante a se destacar sobre a montagem da obra de João Cabral, pelo grupo paraense, é a repercussão nacional desse trabalho. Na historiografia do teatro brasileiro há poucas referências sobre a montagem inédita de *Morte e vida Severina*, pelo NTEP, em 1958, no Festival de Recife, mesmo tendo sido um dos destaques do festival (BEZERRA, 2016, p. 339).

Em matéria publicada no jornal *Diário de Pernambuco*, o jornalista José Laurêncio de Melo enaltece a apresentação do grupo do Pará:

Sucedem que o Festival andava mesmo muito bem-comportado, muito solene, muito convencional. Os conjuntos desfilavam, recitando com maior ou menor correção os textos aprendidos, recebiam a cota de aplausos que lhes estava reservada e se retiravam, comedidos como tinham surgido. [...] Mas veio o Norte Teatro Escola do Pará, de cuja presença mal se sabia. Veio de manso, sem cartaz, sem arautos.

⁵ Carlos Miranda, com o destaque por suas atuações no Norte Teatro Escola do Pará foi para o Rio de Janeiro onde trabalhou como ator e depois dirigiu o Serviço Nacional de Teatro, no Rio de Janeiro, onde morreu ainda jovem.

Veio para uma apresentação, às quatro horas da tarde de um dia de semana, no minúsculo palco do Teatro do Derby. E como se quisesse agravar a desconfiança dos puristas, não trouxe propriamente uma peça de teatro. Trouxe só um poema, *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, [...]. Foi, porém, com esse poema que os rapazes e moças do Pará subverteram toda a capciosa gravidade que reinava no certame. Em uma hora e meia de espetáculo exprimiram todo o sentido verdadeiro e profundo do Festival. Ao fechar o pano, os que estavam presentes à encenação de *Morte e Vida Severina* compreenderam que uma reunião de teatro estudantil não pode ficar restrita à repetição do já visto, já sabido, já catalogado. [...] (MELO, J., 1958 apud BEZERRA, 2016, p. 340-341).



Foto 2 - Entrevista na sede do jornal *Diário de Pernambuco*, Recife (Acervo Paraguassú Éleres).

Ainda sobre a apresentação de *Morte e vida Severina*, Luiza Barreto Leite, em seu livro *A mulher no teatro brasileiro* ressalta:

Nesse I Festival de Teatro de Estudantes, realizado no Recife, eles vieram de longe e anonimamente, os moços do Norte Teatro Escola do Pará e apresentaram-se, não no belo tradicional Santa Isabel, como seus colegas mais ilustres, mas em plena “Morcegolândia”, um quase pardieiro instalado no Derby para diversão dos soldados (destemerosos de calor e bichos) e transformado em teatro dramático pela força das circunstâncias (dois espetáculos por dia e mais conferências e ensaios). Pois, logo ao começar a primeira fala do apresentador, ao aparecer Severino Retirante e ao abrir-se o pano ante a poética desolação de um cenário sertanejo em fase de seca, até os próprios morcegos concentraram-se emocionados com as vozes do poeta, tão bela, humana e simplesmente transmitidas por esses amadores surgidos inesperadamente para provar, mais uma

vez, que nosso teatro existe, que o autor brasileiro, como todos os autores de verdade, conhecidos desde que o mundo é mundo, está escondido na alma da terra e no canto dos poetas; só nos resta tirá-los de lá para possuímos uma arte dramática da qual possamos nos orgulhar (LEITE, 1965, p. 83-84 apud BEZERRA, 2016, p. 342).



Foto 3 - *Morte e vida Severina*. Ensaio na Casa da Estrella (Acervo Maria Sylvia).



Foto 4 - *Morte e vida Severina*. I Festival de Teatro de Estudantes, Recife (Acervo Paraguassú Éleres).

O grupo do Norte Teatro Escola do Pará ainda participou de mais três festivais de estudantes organizados por Paschoal Carlos Magno: o de Santos (1959), com a peça *Édipo Rei*, de Sófocles; o de Brasília (1960) com *Pic-nic no Front*, de Fernando Arrabal e o de Porto Alegre (1962), com *Biedermann e os incendiários*, de Max Frisch. Em todos eles o Norte Teatro Escola do Pará obteve grandes sucessos e obteve prêmios.

Apesar das dificuldades, como mostra o professor Benedito Nunes, com a peça *Édipo Rei* o grupo ganhou, em Santos, novamente, o prêmio de melhor ator masculino para Carlos Miranda; e o de melhor direção a Maria Sylvia Nunes, cuja premiação foi uma bolsa de estudos, concedida pelo governo francês, de seis meses, para estudar teatro em Paris.

Sobre este feito, diz Benedito Nunes em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*:

Grupo novo ainda, com dois anos de tentativas e erros, sem ter uma experiência assegurada pela força da tradição e pelo hábito dos espetáculos teatrais, Norte Teatro, Escola no nome e na intenção, encontrou inúmeras dificuldades teóricas e técnicas para encenar *Édipo Rei*, de Sófocles, apresentado no II Festival Nacional de Teatros de Estudantes, em Santos. A escola de teatro que nos falta, e que dificilmente poderemos conseguir nos próximos dez anos, a cessação da vida teatral praticamente consumada desde 1953, o sono letárgico em que adormece o Teatro da Paz, majestoso, sobressaindo dentre as mangueiras da Praça da República – todas essas ausências, agravadas pela total pobreza do grupo, até então desestimulado pelos poderes públicos, pareciam tornar inexequível a encomenda de Paschoal Carlos Magno aos nossos amadores que, por sua própria vontade, jamais teriam ousado mexer com os séculos gloriosos da tragédia grega (NUNES, B., 1959 apud BEZERRA, 2016, p. 348-349).

E continua Benedito Nunes:

Mas não era com ideias apenas que se poderia encenar o *Édipo-Rei*, de Sófocles. O primeiro problema, urgente, depois de havermos terminado a tradução, ultimado as corrigendas do texto, sem esquecer as adaptações que se impunham devido à pouca experiência do grupo (redução das falas do Coro, suprimindo-se as referências mitológicas supérfluas e todo o anticlímax, afim de não prejudicar a intensidade trágica que por acaso pudéssemos obter), o primeiro problema da nossa esfinge era preparar o Coro: escolher as vozes e o tom, fixar os uníssonos e os solos, determinar a geometria dos movimentos e, sobretudo, o mais difícil, conseguir o máximo de presença, de atenção permanente e de gravidade hierática [...] (NUNES, B., 1959 apud BEZERRA, p. 352).

Como fazer? O melhor caminho seria o da autenticidade pela simplicidade. Respeitar os elementos históricos, assimilando, por meio deles, o ambiente, criando a atmosfera, o espaço trágico. Colunas e escadarias, amplitude e altitude cênicas serviram para estruturar esse espaço, enquanto das roupas e da “maquilagem”, do jogo de luz e da movimentação do Coro tirar-se-iam certos efeitos plásticos, fundindo-se tanto quanto possível essas duas ordens de elementos para dar a impressão de grandeza, de majestade, de toda essa altivez da inteligência, que caracterizou o mundo grego e que Édipo tão claramente traduz (NUNES, B., 1959 apud BEZERRA, 2016, p. 351).



Foto 5 - Montagem da Escola de Teatro de Hécuba (Acervo Paragassú Éleres).

Em Brasília, no ano de 1960, no III Festival de Estudantes, o Norte Teatro Escola apresentou a obra *Pic-nic no Front*, do dramaturgo espanhol Fernando Arrabal, autor incluído entre os mais significativos representantes de teatro de *avant-garde*. Nessa peça expõe em termos simples e contidos o grotesco e o absurdo da guerra, o patético aturdimento dos homens escondidos nas trincheiras, o ingênuo entusiasmo dos que apenas conhecem os combatentes como algo – colorido, movimentado e heroico, assunto de gravuras e discursos.

Dessa vez, Maria Sylvia não fez a direção da peça pois já estava na França. Chegou a tempo de acompanhar o grupo, mas a direção coube a Manuel Wilson Penna, o Penão, membro do grupo desde o primeiro momento.

O último festival ao qual o Norte Teatro Escola do Pará participou foi o de Porto Alegre (1962). Assim, Benedito Nunes em carta a Paschoal Carlos Magno justifica a escolha da peça:

Queremos apresentar no Festival “Biedermann und die Brandstifter (M. Bonhomme et les incendiaires)”, de Max Frisch, que já traduzimos do francês (estou agora a cotejar a tradução com o original alemão que consegui recentemente) e que já estamos ensaiando. O autor é desconhecido no Brasil; a peça para a qual ainda não arranjamos um título satisfatório em português, dada a dificuldade de traduzir a palavra Biedermann (o burguês, o prudente, o João da Silva), é excelente: teatro novo, de vanguarda, participante, colocando o problema iminente da destruição atômica da humanidade, portanto atualíssima, digna de um Festival de jovens que

têm consciência de si e do destino do mundo. É apelo, de ensinamento e também de crítica, mas sem proclamação, sem mensagem ostensiva. O próprio autor qualificou-a de “peça didática sem doutrina” (NUNES, B., 1961 apud BEZERRA, 2016, p. 372).

Paraguassú Éleres, em seu livro *Teatro de vanguarda: o Norte Teatro Escola do Pará e os Festivais de Teatro de Estudantes* (2008, p. 84) transcreve entrevista de Maria Sylvia Nunes ao jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 25 de janeiro de 1962. A jornalista Lara de Lemos inicia a reportagem apresentando a diretora do grupo: “Maria Sylvia é a diretora de um dos grupos mais cotados do Festival, o NTPE. Quando se diz ‘diretora’ a palavra sugere uma importância física que não corresponde a Maria Sylvia. Miúda, morena, arredia e muito simpática”.

Em seguida, Maria Sylvia responde sobre a razão da escolha do texto: “Acho-o muito importante. É um nítido reflexo do mundo atual e do momento político em que vivemos. Nossa intenção foi a de apresentar um texto de valor inédito no Brasil [...]” e, em seguida, respondendo se pode haver um teatro que nada tenha com o povo, diz: “Teatro sempre foi feito para o povo. É a sua razão de ser [...], portanto não entendo um teatro que nada tenha a ver com o povo” (ÉLERES, 2008, p. 86).

Nesse Festival o grupo não conseguiu, com a obra de Frisch, os êxitos do primeiro e segundo festivais, mas destacou-se pelo fato de ser o primeiro grupo a apresentar a peça do escritor suíço no Brasil. Para o professor Denis Bezerra (2016, p. 376), esse fato confirmou o “projeto vanguardista dos amadores paraenses: o de encenar obras inéditas nos palcos nacionais, além de primar por montagens que valorizassem as discussões humanistas de seu tempo”.



Foto 6 - Paschoal Carlos Magno, Maria Sylvia Nunes e Benedito Nunes (Acervo Maria Sylvia)

O quadro relaciona as peças encenadas pelo Norte Teatro Escola do Pará durante sua existência de 1957 a 1962.

Ano	Peças	Autores
1957	No Poço do Falcão	W.B Yeats
	Teatro Universitário de Minesoutas, em Nossa Cidade	Oscar Wilde
	Sonho de uma Noite de Verão	Shakespeare
1957/1958	Os Cegos	Ghelderodes
1958	Morte e Vida Severina	João Cabral de Melo Neto
	O Moço Bom e Obediente (adaptação de um autor inglês)	[Barry Stevens e Could Steves]
1959	A Lição de Botânica	Machado de Assis
	O Quase Ministro	Machado de Assis
	O Urso	Anton Tchekhov
	O Pedido de Casamento	Anton Tchekhov
	O Cisne	Anton Tchekhov
	Pluf, o Fantasmilha	Maria Clara Machado
	Édipo Rei	Sófocles
	A Cantora Careca	Eugène Ionesco
1960	Pic-nic no Front	Fernando Arrabal
	Os Espectros	Ibsen
1961	O Namorador ou A Noite de São João	Martins Penna
1962	Biedermann e os Incendiários	Max Frisch

Fonte - Acervo Paraguassú Éleres.

É fundamental para se compreender a importância do Norte Teatro Escola para o desenvolvimento do teatro no Pará e o papel seminal desempenhado por Maria Sylvia Nunes, reproduzir aqui o depoimento dado pelo professor e escritor João de Jesus Paes Loureiro a Paraguassú Éleres, publicado em seu livro.

Angelita, Sylvia, e o Benedito – o Bené – formam uma trindade, que era na verdade esse tríptico suporte sobre o qual se erguia o Norte Teatro Escola. [...] Maria Sylvia que representava e expressava a criatividade geral do grupo. Era diretora artística, diretora de cena, e realizou um trabalho de absoluta criatividade, de novidade, de invenção, com uma coragem artística, um arrojo artístico criador e renovado desproporcional ao seu porte, ao seu modo físico, assim de estar diante das coisas. Ela parecia ser uma pessoa muito frágil, muito pequenina, aparentemente quieta, aparentemente frágil, mas na verdade sob essas características exteriores estavam um vulcão de criatividade, de ansiedade, de renovação, de atualização criadora, tão

natural que no seu papel, na sua função, ela representasse digamos aquela confiança e aquela propulsão artística que o grupo apresentava como resultado final. [...]

Então, eu estou dando esses dados, destacando apenas essas pessoas que eu reconheço como tenham sido aquelas que eu percebi na minha observação, no meu período, como básicas e constantes na atividade do Norte Teatro Escola. Porque eu acho muito importante, no sentido da caracterização do Norte Teatro Escola como um grupo de ação cultural, com idealismo e com prática que ultrapassa a simples condição de um grupo que procura apenas encenar peças. Era, na verdade, um movimento cultural que se agitava em torno de um espaço, em torno de pessoas.

Por isso eu acho, era um núcleo de agitação cultural, era militante, digamos, tanto na tradição cênica, clássica e brasileira e portuguesa, por exemplo, do que havia de bom nessa tradição e atualizado com as experiências do Rio/São Paulo e fora do País. Era uma coisa muito forte nisso, quer dizer era um grupo que tinha um nível de reflexão que não se deixava aprisionar pelos limites provincianos, quer dizer, a vida de Belém, a vida do Pará servia como motivações e não como aprisionamento e éramos assim absolutamente reconhecidos como grupo de Pará, sem necessariamente sermos confinados a ser um grupo exclusivamente paraense.

[...]

Eu acho que o Norte Teatro Escola fazia isso, sem esquecer que isso era quase, digamos assim – parece que eu estou falando numa ficção – porque isso era Belém do fim da década de 50 e início da década de 60 (LOUREIRO, *Depoimento...*, 2008, p. 195, 196 e 197).

[...]

Falava-se do Norte Teatro Escola e muita gente no Brasil afora pensava que era um grupo profissional, outros pensavam que era uma escola estruturada, antiga, com condições e tudo o mais. Na verdade, eles não entendiam que era uma escola aberta, que era um grupo, na verdade, mas que tinha uma ação pedagógica interna e de relacionamento com o público. Daí sua condição de escola. Mas não há quem não conhecesse e até hoje a história do teatro amador brasileiro, lá na referência eu acho do mapa cultural da história recente do teatro brasileiro, – o Norte Teatro Escola tem um papel muito importante no teatro brasileiro e eu acho de radical importância dentro da história cultural do teatro paraense (LOUREIRO, *Depoimento...*, 2008, p. 201-202).

Como mostram os professores Paes Loureiro e Denis Bezerra, o Norte Teatro Escola do Pará deixou uma contribuição singular, em Belém, para a produção teatral do século XX. Suas atividades, enquanto grupo, se encerraram em 1962, mas:

[...] suas conquistas reverberaram por outros caminhos, principalmente pela ação de seus líderes Maria Sylvia e Benedito Nunes, que, no mesmo ano, participaram da fundação do primeiro espaço formal voltado para o ensino de teatro na região amazônica: o Serviço de Teatro da Universidade do Pará, hoje Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, anseio de várias gerações e grupos da cidade (BEZERRA, 2016, p. 378).

Mas, não só, o Norte Teatro também deu contribuição importante para a televisão, no caso de Belém, a TV Marajoara, Canal 2, a TV paraense, pertencente à rede Diários e

Emissoras Associadas, que foi inaugurada em 30 de setembro de 1961. A emissora dispunha de três estúdios, montados dentro dos mais exigentes requisitos técnicos.

Quando a TV Marajoara foi implantada, o maior número de atores e de realizadores eram oriundos do Norte Teatro Escola. “A própria Maria Sylvia era da equipe de realizadores e adaptadores” (LOUREIRO, *Depoimento...*, 2008, p. 202).

Diz Paes Loureiro:

[...] a TV Marajoara implantou-se no Pará e teve o núcleo dramático que realizava peças, que fazia adaptações, que fazia novelas encenadas, transmitidas ao vivo, programas de teatro que duravam uma hora, transmitidos ao vivo tudo isso tendo a participação de pessoas que nunca tinham visto uma televisão, um aparelho de televisão na sua frente, sequer, quanto mais entrar e atuar dentro de um estúdio, diante de uma câmera. Quando se pensa que, puramente por criatividade se formou um núcleo de dramaturgia no Pará que deu conta de fazer todo um trabalho dramático durante meses e anos. Então, eu creio que isso é uma coisa muito forte como referência à contribuição do Norte Teatro Escola, porque era impossível aquilo acontecer se não tivesse já um núcleo gerador de pessoas integradas, experientes, com uma prática ligada ao teatro, um conhecimento de outra realidade para fazer valer esse trabalho, era impossível (LOUREIRO, *Depoimento...*, 2008, p. 202).

Em matéria publicada em *A Noite*, RJ, observa-se a presença de pessoas envolvidas nos movimentos de teatro amador local, advindas do Norte Teatro Escola, como se pode ver abaixo:

A TV MARAJOARA dispõe de quadro de **Realizadores** (autores, produtores e diretores): Maria Helena Coelho, Waldyr Saruby de Medeiros, Maria Sylvia Nunes e Raimundo Mário Sobral. E com elenco de teleteatro exclusivo, cobrindo toda sua grande e movimentada programação ao vivo. **Teleatrizes**: Mendara Mariani, Nilza Maria, Aita Altmann, Carmen Eunice Barradas, Dorinha Barbosa, Iracema Oliveira, Valéria Oliveira, Jane Maria, Tereza Regina, Tacimar Cantuária, Léa Maia, Deolinda Duarte, Eugênia Gomes, Terezinha Melo, Marta Goretti, Virginia de Moraes, Fátima Moreira, Marília Bastos, Taci Pinomn, Sueli Charchar e Lara Maia. **Teleatores**: Lindolfo Pastana, Daniel Carvalho, João Loureiro, Armando Pinho, Paraguassú Éleres, Eduardo do Asdnlor, Cláudio Barradas, Adelino Simão, Alfredo Henriques, Jorge Maia, Campos de Queiroz, Ociras Freire, Manuel Cosenza, Heraldo Martins, Gracino Almeida, Ademar Paiva, Manuel Melo, João Pampolha, Augusto Rodrigues, Wilson Idma, Gabriel Sábado, Francisco Brito, José Carlos Gondim, Geraldo Sales, Fernando Matos, Artur Rocha, Herman Sousa Filho, Roberto Reis, Erastos Banhos, Rômulo Reis e Manuel Ângelo (TV MARAJOARA, 1962 apud BEZERRA, 2016, p. 451-452).

Desses, Maria Sylvia Nunes, Aita Altmann, João de Jesus Paes Loureiro, Paraguassú Éleres, Eduardo Abdlnor, Augusto Rodrigues, dentre outros, tiveram ativa participação no Norte Teatro Escola do Pará.

Como se ia dizendo, Maria Sylvia e Benedito Nunes tiveram papel determinante para a fundação da primeira escola formal de teatro na região amazônica: o Serviço de Teatro da Universidade do Pará (STUP), hoje Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, anseio de várias gerações e grupos da cidade (BEZERRA, 2016, p. 378).

Depois de toda a repercussão das atividades do Norte Teatro foi quase que natural o Reitor José da Silveira Neto, segundo reitor da UFPA, tendo ocupado o cargo de 1960 a 1969, que já acompanhava as atividades do grupo e por elas tinha admiração, aceitar a proposição da criação de uma escola de teatro da Universidade Federal do Pará.

Já em janeiro de 1962, em carta dirigida a Paschoal Carlos Magno na qual trata da participação do grupo no IV Festival de Teatro de Estudante do Brasil, a ser realizado em Porto Alegre, Silveira Neto faz questão de anunciar “a criação do Serviço de Teatro da Universidade do Pará que, na observância da necessidade de formação artística dos jovens universitários paraenses, vem tornar realidade as suas justas aspirações”:

Entre os gêneros literários conhecidos não há jamais algum que expresse com tanta realidade a vida nas suas múltiplas facetas como o teatro, pois engloba o subjetivo e o objetivo da arte além da humanidade na criação. Através de toda a civilização sempre, nas sociedades evoluídas, representou o teatro sua parcela de comprovação dessa evolução, quer demonstrando esse alto nível quer revelando a fraqueza societária.

Desde a Grécia da Filosofia a Roma dos imitadores e práticos sempre espelhou a grandeza do homem em copiar Deus na criação de outros seres tão reais e humanos.

Se na Idade Média ressentiu-se da criação teatral não descurou de mostrar nos seus mistérios o prisma religioso de que ficou eivada em todo o seu transcurso.

Do classicismo aos tempos atuais o teatro garantiu sua posição de revelador da cultura dos povos, íntimo refletidor da elevação artística das nações. Deste modo e com este pensamento, quando se vai realizar o IV Festival de Teatro de Estudantes, apraz-me parabenizar a sua Comissão organizadora, e apresso-me, por intermédio dos representantes desta Universidade, a levar minha solidariedade e aplausos a tão importante encontro da juventude amadorista do Teatro, cujo escopo principal é conagração dos estudantes universitários do Brasil.

A nossa representação, com a “Biedermann e os incendiários”, de Max Frisch, procurará de todos os modos atender aos anseios dessa Comissão organizadora, revelando o trabalho amadorista do estudante da Amazônia. Esta mensagem de fraternidade, além das palavras de incentivo e apoio à realização desse Festival, leva-lhes a comunicação da criação do Serviço de Teatro da Universidade do Pará que, na observância da necessidade de formação artística dos jovens universitários paraenses, vem tornar realidade as suas justas aspirações.

Manifestando meu regozijo por este evento, auguro que do IV Festival Nacional de Teatros de Estudantes emane o verdadeiro abraço do Brasil artístico em prol das futuras criações.

Que sejam felizes todos os que lutam por imitar Deus nas artes e nas letras! (SILVEIRA NETO, 1962 apud BEZERRA, 2016, p. 263).

Confirmando essa opinião, Denis Bezerra diz que “a criação dessa instituição de ensino, em Belém, cresceu com o movimento cultural promovido pelo NTEP”. E considera que “o grupo liderado pelo casal Nunes tinha conseguido uma projeção nacional, devido à repercussão de seus trabalhos nos festivais de teatro de estudantes, organizados por Paschoal Carlos Magno” (BEZERRA, 2016, p. 407).

Por outro lado, a viagem de Maria Sylvia a Paris, resultado do prêmio recebido com a direção da peça *Édipo Rei*, fortalece ainda mais sua percepção da necessidade inadiável da existência de uma escola de teatro.

Em Paris, Maria Sylvia frequentou os cursos de Tânia Balachova, Yves Laurel e acompanhou os ensaios de *Eduardo II*, de Marlowe, na adaptação e direção de Roger Planchón e de *Le Cercle de Craie Caucasién*, de Bertolt Brecht, com direção de Jean

Daslé, na Comédie de Saint-Etienne. (NUNES, M.S. 1964, p. 16-17 apud BEZERRA, 2016, p. 414).

É Maria Sylvia Nunes quem nos diz:

[...] E nós traduzimos Édipo Rei, outra audácia, naturalmente que do francês porque ninguém sabia Grego. [...] Botei música concreta no Édipo Rei. Sei que foi ótimo, ganhei o primeiro prêmio de direção desta vez [...] O prêmio era dado pelo Governo francês, consistia de fazer uma viagem à França para olhar o teatro. Lá eu fui. Fui eu e o Bené. Passamos 6 meses lá, indo ao teatro toda noite. Foi muito bom. Então voltamos cada vez com mais noção do que faltava para a gente, e querendo fazer uma escola de teatro aqui. Voltamos já com essa ideia de fazer uma escola de teatro. Nesse ínterim, o Claudio Barradas também tinha um grupo, e ele conseguiu reunir vários grupos de teatro numa espécie de Confederação e essa Confederação foi com o reitor pedir que fosse criada uma escola de teatro, e o reitor da época, Dr. José da Silveira Netto, disse que sim. Escolheu o Bené para dirigir o Serviço de Teatro da UFPA (NUNES, M.S., 2008 apud BEZERRA, 2016, p. 408).

Em 6 de maio de 1962, instalou-se o Serviço de Teatro da Universidade do Pará com o curso de Iniciação Teatral, embrião do curso de Formação de Ator, em caráter experimental. Maria Sylvia assume a função de Diretora e Benedito Nunes de Coordenador, juntamente com outros companheiros, alguns que vieram do Norte Teatro, para compor as demais funções do novo Serviço (BEZERRA, 2016, p. 413-414).

O professor Paes Loureiro não tem dúvida, ao se referir à importância que teve o movimento criado pelo Norte Teatro Escola do Pará, para a criação da Escola de Teatro da UFPA.

[...] aquilo que eu considero uma coisa, uma contribuição do mais alto significado, que foi ter dado origem à Escola de Teatro do Pará, da Universidade Federal do Pará. A Escola de Teatro do Pará foi quase que um desdobramento do Norte Teatro Escola, foi outra coisa que nasceu sob a base criada pelo Norte Teatro Escola, praticamente na Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará. Todas essas atividades, todos nós nos transferimos para a Escola de Teatro e fomos constituir o seu núcleo gerador (LOUREIRO, *Depoimento...*, 2008, p. 203).

A notícia da criação do Serviço de Teatro alcançou o Rio de Janeiro. Eneida de Moraes⁶ escreve no jornal *Diário de Notícias*, em sua coluna “Falando de Belém”:

Belém possui, há quatro anos, a Reitoria da Universidade, dirigida por um homem ativíssimo chamado José da Silveira. Vai esse magnífico reitor criar, em Belém, um Serviço de Teatro, um curso com três matérias práticas (expressão corporal, interpretação e dicção) e outra teórica: História do Teatro. Para as aulas práticas serão convidadas pessoas de fora e para a teórica já está escolhido um dos melhores conhecedores de teatro, o crítico literário paraense: Paulo Mendes. O curso durará oito meses, preparando alunos para a Escola de Arte Dramática de

⁶ Eneida de Villas Boas Costa de Moraes, jornalista, escritora, nasceu em Belém em 23 de outubro de 1903. Em 1930, deixa Belém para morar no Rio de Janeiro. Atuou como jornalista profissional nas funções de repórter e de cronista. Publicou 11 livros e várias traduções. Morreu no Rio de Janeiro em 27 de abril de 1971.

Belém que deverá ser inaugurada em 1963. Todo o planejamento do Serviço de Teatro de Belém foi entregue a Benedito Nunes, nome por demais conhecido hoje em todo o Brasil, moço de raro talento, filósofo e crítico literário que, com sua mulher Maria Sylvia – atriz e diretora –, obtiveram no festival do teatro de Estudantes de Recife bolsas de estudo em Paris (MORAES, 1962 apud BEZERRA, 2016, p. 412).

Para o curso de Formação de Ator, a direção recém-empossada da escola trouxe para Belém Amir Haddad, para ser responsável pela disciplina interpretação; Carlos Eugênio Marcondes de Moura⁷, para ministrar dicção; e Yolanda Amadei⁸ para expressão corporal. Esse grupo ficou em Belém pelo menos durante os três primeiros anos da escola.

Amir Haddad àquela altura já apresentava currículo respeitável na sua área de atuação. É Maria Sylvia quem nos informa, no primeiro relatório de atividades do Serviço de Teatro:

Aluno da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Um dos fundadores do Grupo do Teatro Oficina (São Paulo). Dirigiu, durante um ano, o programa “Grande Teatro”, na TV Tupi (São Paulo). Diretor artístico das Companhias Nydia Lícia, Pequeno Teatro de Comédia e Teatro de Arte Israelita-Brasileiro. Um dos fundadores do Teatro da Cidade (São Paulo). (NUNES, M.S., 1964, p. 13 apud BEZERRA, 2016, p. 415. Nota de rodapé).

A contribuição de Amir Haddad durante sua estadia em Belém ultrapassou os muros da Universidade, criando o famoso “Auto do Círio”, espetáculo de rua que acontece às vésperas do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, já incorporado no calendário cultural da cidade, e que até hoje é promovido pela agora Escola de Teatro e Dança da UFPA.

Como diretora, Maria Sylvia não restringiu às manifestações cênicas sua atuação no Serviço de Teatro. Criou, logo em 1963, junto com o curso, o Centro de Estudos Cinematográficos que promovia diversas atividades voltadas para a formação de público de cinema, ligado mais à ideia de estudo e percepção do cine-arte (BEZERRA, 2016, p. 469) e ofereceu, não só aos alunos e professores, mas ao público em geral, uma dinâmica de estudos, discussões e apresentações que alcançou todos os gêneros artísticos.

Maria Sylvia em seu primeiro relatório afirma que além de manter os cursos, o Serviço de Teatro:

⁷ Carlos Eugênio Marcondes de Moura, Sociólogo, iniciou seus estudos acadêmicos na Universidade de Genebra, Suíça, na Escola de Intérpretes, da Faculdade de Letras. Bacharelou-se na Escola de Sociologia e Política, da Universidade de S. Paulo onde fez também seu Doutorado e o pós-Doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros, desta mesma Universidade. Formado em interpretação pela Escola de Arte Dramática de São Paulo. Lecionou no Departamento de Teatro da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de S. Paulo.

⁸ Yolanda Amadei, bailarina, coreógrafa e educadora brasileira. É especializada em Expressão Corporal, Técnicas de Teatro e Dança. É autora do livro *Reflexões sobre Laban, o Mestre do movimento*.

[...] promove outras atividades artísticas, como exposições, exhibições cinematográficas, espetáculos e conferências. Sob o seu patrocínio serão publicados textos fundamentais da literatura dramática e peças de autores regionais, bem como estudos críticos referentes a teatro e cinema. O STUP dispõe de biblioteca especializada, contendo livros de literatura dramática e arte em geral. Anexa à biblioteca, funcionará uma discoteca reunindo gravações de peças de teatro, poesia e música. O STUP patrocinará exhibições para a classe universitária e o povo em geral, de grupos amadorísticos altamente qualificados ou profissionais, do país e do estrangeiro. O STUP destina-se a ser a célula *mater* do Instituto de Arte da Universidade do Pará (NUNES, M.S., 1964, p.7 apud BEZERRA, 2016, p. 419).

Mas, não só. Os primeiros anos do Serviço de Teatro movimentaram culturalmente a cidade de Belém. A realização de festivais de teatro organizados pela escola foi um exemplo disso.

Os festivais eram pensados e organizados para que os alunos pudessem colocar em prática o que tinham aprendido ao longo do ano, mas acabaram por chamar a atenção da cidade que passou a aguardar os espetáculos e acompanhar as atividades do STUP.

Em relação ao Festival Shakespeare, organizado, em 1964, em comemoração aos quatrocentos anos do nascimento do dramaturgo inglês William Shakespeare e realizado no salão nobre da Sede Social da Assembleia Paraense, Eidorfe Moreira⁹ diz:

De todas as unidades universitárias, o Serviço de Teatro é a que exerceu maior atuação cultural junto ao povo, tanto através das suas exhibições teatrais como das suas programações cinematográficas. Um dos pontos altos das suas atividades foi o Festival Shakespeare, em comemoração ao IV Centenário de nascimento do grande dramaturgo inglês, com a representação parcial de várias de suas peças (MOREIRA, 1989, v. 5, p. 85 apud BEZERRA, 2016, p. 441).

O jornal *Folha do Norte* descreve o Festival Shakespeare:

Depois de grande sucesso da apresentação dos filmes *Romeu e Julieta* e *Trono manchado de sangue*, exibidos no auditório da Faculdade de Odontologia, e das cenas de *Hamlet*, *Otelo*; *A megera domada* e *Sonho de uma noite de verão*, encenada no palco montado nos amplos salões da Assembleia Paraense a Escola de Teatro da Universidade do Pará prosseguirá, hoje à noite, na apresentação do Festival Shakespeare (em homenagem ao centenário do discutido poeta britânico, que se comemora em todo mundo) com a encenação de *Ricardo III* e duas cenas de *Macbeth* autênticas obras-primas do escritor bardo inglês. Convém salientar que o êxito alcançado se deve em grande parte à pessoa do prof. Amir Haddad diretor da Escola de Teatro do Pará que não tem medido esforços no sentido de que os seus pupilos tenham sempre boa “performance”. Vemos nos flagrantes aspectos do ensaio ontem efetuado na A.P. em que tomaram parte as atrizes Maria de Lourdes Ramos Martins, Sônia Maria Parenti e Nilza Feitosa e os atores Reinúncio

⁹ Eidorfe Moreira nasceu a 30 de julho de 1912, na Paraíba. Dois anos depois sua família transferiu-se para Belém. Como estudante, participou da vida cultural acadêmica e das atividades políticas. Ingressou no serviço público em 1945. Foi também professor e pesquisador da Universidade Federal do Pará onde exerceu várias funções, afastando-se em 1982.

Napoleão de Lima e Cláudio Barradas. São cenas de *Ricardo III* e *Macbeth* (FESTIVAL Shakespeare, 1964 apud BEZERRA, 2016, p. 441. Nota de rodapé).

Da programação do Festival fazia parte também palestras que Maria Sylvia descreve:

[...] assistimos, deslumbrados, ao professor Francisco Paulo Mendes contar a todo um público atento e fascinado sobre Shakespeare, seu tempo, suas peças. Das tragédias, analisou *Macbeth*, *Otelo*, *Hamlet*, *Richard III*, com uma argúcia que iluminava até as inteligências que jamais haviam sido confrontadas com essas peças. Sua clareza e, principalmente, seu enorme conhecimento e convívio ficaram na memória de todos os que assistiram às palestras. Das comédias, escolheu *A megera domada* e *Sonho de uma noite de verão*, como exemplo do humor e da graça do poeta de Stratford-upon-Avon, a serem explicados na sua diversidade e lirismo feérico. As palestras, seguidas de representação de cenas pelos alunos da Escola, para mim e creio que para os que as ouviram, ficaram com o ideal que a Universidade busca alcançar: a reunião entre conhecimento e poesia, da qual resulta o Humanismo, que contribui para a excelência dos homens e da sociedade (NUNES, M.S., 2007, p. 192, apud BEZERRA, 2016, p. 442).



Foto 7 - *Sonho de uma noite de verão*. Festival Shakespeare (Acervo Paraguassú Éleres).

Maria Sylvia também se refere ao palco construído no salão da Assembleia Paraense para a finalidade da encenação das peças: um palco elizabetano. “Alcyr Meira e sua

equipe fizeram o milagre acontecer. E lá surgiu o sonhado palco, prodígio de equilíbrio e beleza [...] (NUNES, M.S., 2007, p.192 apud BEZERRA, 2016, p. 442).

E em relação ao apoio dado pelo Reitor José Silveira Neto, Maria Sylvia diz:

[...] os professores da Escola de Teatro naquele longínquo 64 – Amir Haddad, Carlos Eugênio Marcondes de Moura, Yolanda Amaddei, Francisco Paulo Mendes, Benedito Nunes e eu – mais os alunos e funcionários estavam entusiasmados com o 4º centenário do Bardo. Mas onde e como encená-lo? Apoio total e financeiro tínhamos da Reitoria. O reitor de então, Dr. José da Silveira Neto, entendia que os espetáculos da Escola eram um elo entre Universidade e Comunidade, e como tal mereciam toda a ajuda possível (NUNES, M.S., 2007 apud BEZERRA, 2016, p. 441).



Foto 8 - *Otelo*. Festival Shakespeare (Acervo Paraguassú Éleres).

Maria Sylvia refere-se ao Festival Shakespeare:

O momento mais universal, mais acadêmico de toda a minha vida profissional na UFPA ocorreu em 1964, quando a Escola de Teatro da UFPA celebrou Shakespeare. Esse ano deveria ser marcado na minha memória como o do terrível golpe de 64, entretanto ficou como o ano em que fizemos, com os recursos de bordo, Shakespeare ser visto e explicado, no palco elizabetano que montamos na Assembleia Paraense (NUNES, M.S., 2007, p. 191 apud BEZERRA, 2016, p. 440).

A seguir as peças encenadas pelo Serviço de Teatro da Universidade do Pará durante os anos de 1962, 1963 e 1964.

Ano	Obra	Autor
1962	O Delator	Bertolt Brecht
	O Velho da Horta	Gil Vicente
	Caminho Real	Anton Tchekhov
	O Inglês Maquinista	Martins Pena
1963	O Dilettante	Martins Pena
	Os Fuzis da Senhora Carrar	Bertolt Brecht
	O Auto da Barca do Inferno	Gil Vicente
1964	Cenas de: Otelo, Hamlet, A Megera Domada, Sonho de uma Noite de Verão, Ricardo III, Macbeth, O Mercador de Veneza e A Tempestade	Shakespeare
	O Sonho Americano	Edward Albee
	Leonor de Mendonça	Gonçalves Dias
	Quebranto	Coelho Neto
	Stabat Mater	Pergolesi
	A História do Zoológico	Edward Albee

Fonte - Relatório n.º 1 do Serviço de Teatro da Universidade do Pará, 1964 (BEZERRA, p. 431).

Hoje o Serviço de Teatro da Universidade Federal do Pará transformou-se na Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA). Lá se vão 56 anos e Maria Sylvia vê esse processo assim:

Eu acho que em um momento teve esse papel. E que depois que o Norte Teatro se tornou Escola de Teatro, quer dizer, que teve essa mudança qualitativa, essa metamorfose, eu acho que é a Escola que é importante. Olha, você vê todo mundo que mexe com teatro em Belém, ou já foi da Escola, ou se formou pela Escola, ou passou pela Escola durante um semestre, enfim, todo mundo que se interessa por teatro passou pela Escola [...] Eu acho que a Escola é muito importante. Eu fico muito orgulhosa quando eu vou à Escola, quando se tem uma sede, coisa que a gente queria muito. Eles têm uma sede, eles têm um movimento, um teatro

funcionando. Podem até ceder para outras pessoas, eu fico muito feliz. Muito feliz. (NUNES, M.S. 2012 apud BEZERRA, 2016, p. 435).

Maria Sylvia Nunes além da expressiva contribuição para a criação e formação da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará também tem importante colaboração em diversos órgãos responsáveis pela execução de ações ligadas à cultura em geral, como é o caso da Secretaria de Cultura do Estado e do antigo Instituto de Artes do Pará, hoje Casa das Artes.

Maria Sylvia foi a grande incentivadora e contribuiu efetivamente para a criação do concurso de Canto Internacional Bidu Sayão, homenageando a célebre cantora Bidu Sayão. O concurso, infelizmente interrompido em sua 9.^a edição, buscava incentivar o surgimento de novos artistas líricos, especialmente os cantores paraenses de hoje.

Ainda no âmbito da Secretaria de Cultura, Maria Sylvia também participa e é grande estimuladora do Festival de Ópera do Theatro da Paz e incentivadora da formação da Orquestra Sinfônica do mesmo teatro.

A realização do Festival de Ópera e os concertos da orquestra estão integrados à vida cultural de Belém. Já foram executados, entre outros títulos, *Macbeth*, *Rigoletto* e *La Traviata*, de Verdi; *A Viúva Alegre*, de Lehár; *Pagliacci*, de Leoncavallo; *A flauta mágica*, de Mozart; *Carmen*, de Bizet; *Romeu e Julieta*, de Gounod; *O barbeiro de Sevilha*, de Rossini; *Madamma Butterfly*, Gianni Schicchi, *La Bohème* e *Tosca*, de Puccini; *Il Guarany*, de Carlos Gomes e, em primeira audição, depois de suas estreias há mais de cem anos, as óperas *Bug Jargal* e *Yara*, do paraense Gama Malcher.

Todo esse incentivo levou a que dois cantores paraenses, Adriane Queiroz e Atalla Ayan, que iniciaram como solistas da orquestra hoje brilhem em palcos da Europa e dos Estados Unidos.

Maria Sylvia Nunes, hoje com 88 anos, é isso tudo que tentamos nestas poucas páginas demonstrar. Sim, de aspecto físico frágil, pequenina, mas de uma energia incalculável, energia intelectual impregnada da mais completa criatividade, de um ânimo artístico sem igual, desde muito jovem dedicada às artes e que tem sua marca na cultura do Estado do Pará.



REFERÊNCIAS

- BEZERRA, José Denis de Oliveira. *Vanguardismos e modernidades: cenas teatrais em Belém do Pará (1941-1968)*. 2016. 594 f. Tese (Doutorado em História)–Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.
- ÉLERES, Paraguassú. *Teatro de vanguarda: o Norte Teatro Escola do Pará e os festivais de teatro de estudantes*, Recife, Santos, Brasília, Porto Alegre (1958-1962). Belém: Paka-Tatu, 2008.
- FESTIVAL Shakespeare. *Folha do Norte*, Belém, p. 4, 1º out. 1964.
- LEITE, Luiza Barreto. *A mulher no teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Espetáculo, 1965.
- LOUREIRO, J. J. Paes. Depoimento... In: ÉLERES, Paraguassú. *Teatro de vanguarda: o Norte Teatro Escola do Pará...* Belém: Paka-Tatu, 2008. p. 182-204.
- MAGNO, Paschoal Carlos. Teatro de estudante. *Revista de Teatro da SBAT*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 304, jul./ago. 1958.
- MELO, Gelmirez. Nossa Guida. *A Província do Pará*, Belém, 21 out. 1968. Caderno 3, p. 3.
- MELO, José Laurêncio. Morte e vida Severina. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 12, 30 jul. 1958.
- MOARES, Eneida de. Falando de Belém. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1962. Segunda Seção, p. 2.
- MOREIRA, Eidorfe. Para a história da Universidade Federal do Pará (Panorama do primeiro decênio). In: _____. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: CEJUP, 1989, v. 5.
- NUNES, Benedito. [Carta] 25 out. 1961, Belém para Paschoal Carlos Magno.
- _____. No caminho de Sófocles. *O Estado de S. Paulo*, 28 nov. 1959. Suplemento Literário, Crônica de Belém, p. 4.
- NUNES, Maria Sylvia. [Carta] 5 jun. 1958, Belém para João Cabral de Melo Neto.
- _____. [Entrevista]. Belém, 16 dez. 2008. Entrevista concedida a Denis Bezerra.
- _____. [Entrevista]. Belém, 31 ago. 2012. Entrevista concedida a Denis Bezerra e Karine Jansen.
- _____. *Relatório n.º 1 do Serviço de Teatro da Universidade do Pará*. Belém, 1964.
- _____. Universidade e Shakespeare. In: MELLO, Alex Fiúza de (Org.). *UFPA 50 anos: relatos de uma trajetória*. Belém: EDUFPA, 2007.
- SANJAD, Nelson; SANJAD, Andréa. Prólogo: Benedito Nunes, o pequeno pai do tempo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 6, n. 2, p. 349-375, maio-ago. 2011.
- SILVEIRA NETO, José da. Carta escrita a Paschoal Carlos Magno. Belém, 4 de janeiro de 1962. Arquivo Paschoal Carlos Magno, Correspondências / Festivais de Teatro de Estudante do Brasil. Rio de Janeiro: CEDOC/FUNARTE.
- TV MARAJOARA: uma emissora padrão. *A Noite*, Rio de Janeiro, p. 9, 26 jun. 1962.

